

A língua para Ferdinand de Saussure

Introdução

O suíço Ferdinand de Saussure pode ser considerado o pai da lingüística moderna. Nos anos de 1907, 1908 e 1910, ele deu três cursos na Universidade de Genebra, na Suíça. Alguns de seus alunos tomaram notas de suas aulas, e, em 1916, publicaram a famosa obra intitulada *Curso de Lingüística Geral*, contendo uma boa parte do pensamento de Saussure, que tinha morrido em 1913. Portanto, o *Curso de Lingüística Geral*, de Saussure, é uma obra póstuma.

Vocês poderiam me perguntar: “Então, a lingüística não existia antes de Saussure?”.

Não como ela é concebida hoje. Mas, ao longo de toda a nossa história, há inúmeros registros do interesse dos homens pelas línguas¹.

Numa época em que os estudos da linguagem se concentravam na história das línguas e na comparação entre elas, Saussure lança suas idéias sobre a língua e sobre a linguagem. A partir desse momento, os estudos lingüísticos começam a adquirir um caráter mais profundo e abstrato. Eles deixam de se concentrar na comparação de manifestações externas de várias línguas, e passam a se interessar pela língua como um sistema de valores estruturado e autônomo, que é subjacente a toda e qualquer produção lingüística, seja ela feita em português, em inglês, em francês, em ASL, em libras, ou em qualquer outra língua. Aí a lingüística passa a ser concebida como uma ciência: ela não só descreve fatos lingüísticos, mas busca uma explicação coerente para sua ocorrência.

Vamos ver, então, alguns dos pontos importantes do pensamento de Saussure.

Língua e linguagem

Para Saussure, linguagem é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas semelhantes à língua. A linguagem é heterogênea e multifacetada: ela tem aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, e pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social. Para Saussure, é impossível descobrir a unidade da linguagem. Por isso, ela não pode ser estudada como uma categoria única de fatos humanos. A língua é diferente. Ela é uma parte bem definida e essencial da faculdade da linguagem. Ela é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias estabelecidas e adotadas por um grupo social para o exercício da faculdade da linguagem. A língua é uma unidade por si só. Para Saussure, ela é a norma para todas as demais manifestações da linguagem. Ela é um princípio de classificação, com base no qual é possível estabelecer uma certa ordem na faculdade da linguagem.

Vocês devem estar pensando que isso tudo é muito complicado. De fato, não estamos lidando com conceitos fáceis. Mas vamos retomar essas idéias de Saussure de uma maneira mais informal. O que Saussure pensa é que os homens têm uma capacidade para produzir sistemas simbólicos, ou seja, sistemas de conceitos associados a uma determinada forma, como a língua, as artes plásticas, o cinema, o teatro, a dança. Essa capacidade é a linguagem. Para Saussure, a capacidade da linguagem não pode ser o objeto de estudo de uma única ciência como a lingüística, na medida em que ela tem características de naturezas diversas: física, fisiológica, antropológica, etc. O objeto da lingüística deve ser a língua, que é um produto social da faculdade da linguagem, e que é uma unidade.

Uma pergunta que talvez vocês estejam querendo fazer neste momento é: “O que significa dizer que a língua é um *produto social* da faculdade da linguagem? Por que *social* ²?”.

Mas vamos voltar à diferença entre língua e linguagem. Saussure entende que, de todas as manifestações da faculdade da linguagem, a língua é a que mais bem se presta a uma definição autônoma. Por isso, ela ocupa um lugar de destaque entre as manifestações da linguagem, e, como tal, deve ser tomada como base para o entendimento de todas essas outras manifestações. Por isso, hoje em dia, a Semiótica, que é a ciência que estuda todas as manifestações da faculdade da linguagem, parte sempre de análises feitas sobre a língua. Baseados nessas análises lingüísticas, os semioticistas estudam outras manifestações da faculdade da linguagem, como o cinema, a pintura, a escultura, a música, as tatuagens e uma variedade de manifestações da linguagem.

Vocês devem estar ansiosos, querendo me dizer o seguinte: “Bem, você falou um tempão sobre a diferença entre linguagem e língua, mas, até agora, não explicou exatamente o que é língua para Saussure!”.

Sim, vocês têm um pouco de razão. É preciso ter calma, que ainda falta muito o quê explicar. Mas nós já vimos várias características da língua. Primeiro, vimos que língua e linguagem são bastante diferentes: a linguagem é uma capacidade humana, da qual a língua é um produto. Também vimos que a língua é um fenômeno social e convencional. Vamos explicitar isso melhor, tratando das chamadas “dicotomias saussurianas”³. As quatro famosas dicotomias saussurianas são: língua e fala, significante e significado, sincronia e diacronia, e paradigma e sintagma. Vamos começar a esclarecer a dicotomia língua e fala.

Língua e fala

Nós vimos, há pouco, que a língua é coletiva e social. A fala, por outro lado, é a manifestação ou concretização da língua, por um indivíduo. Na língua, está o que é essencial; na fala está o que é acessório e mais ou menos accidental. A língua não é uma função do falante. A fala, diferentemente, é um ato individual de vontade: ao falar, o falante precisa fazer opções por uma ou outra maneira de dizer a mesma coisa, fazer escolhas sobre o vocabulário que vai usar, entre outras coisas. Cada pessoa nascida no Brasil que tem o português como língua materna pode narrar o mesmo acontecimento de maneiras muito diferentes. Cada pessoa vai produzir uma fala diferente. Mas a língua⁴ vai ser sempre a

mesma: português. E é justamente o fato de que a língua é a mesma que faz com que as pessoas consigam se comunicar.

Neste momento de todo curso de Introdução aos Estudos Lingüísticos, é muito comum os alunos fazerem a seguinte pergunta: “Então a fala é o som produzido pelas línguas orais, ou os gestos produzidos pelas línguas de sinais?”.

Não. A fala é a língua posta em uso, mas ela não se limita ao meio--sonoro, gestual, escrito--que usamos para colocar nossa língua em uso. Ela é a prática da língua, e apresenta várias propriedades, que vão muito além do som, do gesto, ou da grafia. Para Saussure, a fala não devia ser estudada pela lingüística, justamente porque ele pensava que ela era secundária e assistemática. Hoje em dia, a visão que se tem da fala é muito diferente. Seu estudo é extremamente interessante e é considerado de grande importância na lingüística moderna. Quando vocês cursarem as disciplinas chamadas Pragmática e Análise do Discurso, vocês vão conhecer algumas peculiaridades da fala.

Para Saussure, o objeto da lingüística é a língua⁵. Vocês me perguntam: “Mas, afinal, o que é língua para Saussure?”⁶

Para Saussure, a língua é:

- a) um sistema⁷ estruturado de elementos, que se define por sua relação com esses elementos; esses elementos, por sua vez, se definem por sua relação com o sistema e por sua relação com os demais elementos que compõem o sistema. Por isso, para Saussure, na língua só há diferenças⁸. A diferença que se estabelece entre cada elemento do sistema revela seu valor lingüístico⁹;
- b) um produto essencial da faculdade da linguagem, com base no qual todas as outras manifestações da linguagem devem ser analisadas;
- c) social, exterior ao indivíduo. Ela existe por uma espécie de contrato entre os membros de uma comunidade. Por isso, ela não pode ser nem criada, nem modificada por um indivíduo. Nesse sentido, a língua difere da fala, que é individual.

Eu sei que vocês devem estar preocupados, achando que lingüística é uma disciplina muito difícil. De fato, nós estamos lidando com conceitos bastante complexos. Mas vocês não precisam se preocupar. Este é o primeiro módulo de todo o curso. À medida que o curso for avançando, essas noções vão ficando mais e mais claras.

Passemos agora ao estudo de uma outra dicotomia saussuriana, de grande relevância: a que trata da constituição do signo lingüístico.

Significante e significado

A noção de valor introduzida por Saussure para tratar das diferenças de que se constitui o sistema lingüístico é de extrema importância na consideração dos dois elementos

fundamentais do sistema lingüístico: as idéias e os sons ou gestos. Esses dois elementos entram na constituição do signo lingüístico.

“E o que é um signo lingüístico?” - Vocês me perguntam.

Signos¹⁰ são unidades lingüísticas que significam alguma coisa. No nosso dia-a-dia, nós temos muitas vezes a impressão de que os signos são uma mera nomenclatura das coisas que existem no mundo. Muitos de nós têm a idéia de que o nosso mundo está repleto de coisas, e que a língua é criada para nomeá-las. Nessa idéia, então, as coisas já existiriam antes da língua.

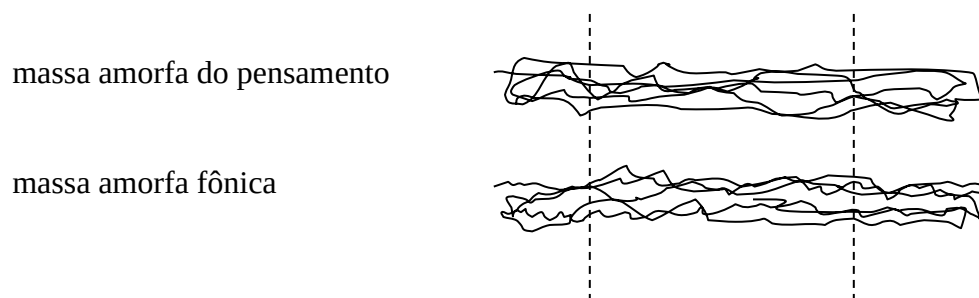
Saussure se opõe frontalmente a essa visão. Para ele, nossas idéias a respeito do que as coisas são dependem da língua. A seu ver, não existem idéias estabelecidas anteriormente à língua. Antes da língua, nosso pensamento é uma massa amorfa e indistinta, como uma nebulosa.

Do mesmo modo, antes da língua, a substância fônica ou gestual que participa da constituição dos signos também é uma massa amorfa, constituída, de maneira desordenada, de todos os sons ou gestos que o ser humano é capaz de produzir.

A língua é uma relação que associa a massa amorfa do pensamento à massa amorfa fônica/gestual, ao mesmo tempo formatando-as, delimitando-as de uma maneira particular. Ao impor uma formatação à massa amorfa do pensamento, a língua cria o significado, que é um conceito. Ao impor uma formatação à massa amorfa fônica/gestual, a língua cria o significante, que é uma imagem acústica (no caso das línguas orais) ou ótica (no caso das línguas de sinais). Juntos, significante e significado formam o signo lingüístico¹¹.

Ao ver de Saussure, ao criar os signos, a língua impõe uma organização, tanto na massa amorfa do pensamento, quanto na massa amorfa fônica/gestual. Cada signo adquire um valor¹², que vai demarcar seus limites, e contrapô-lo a outros signos.

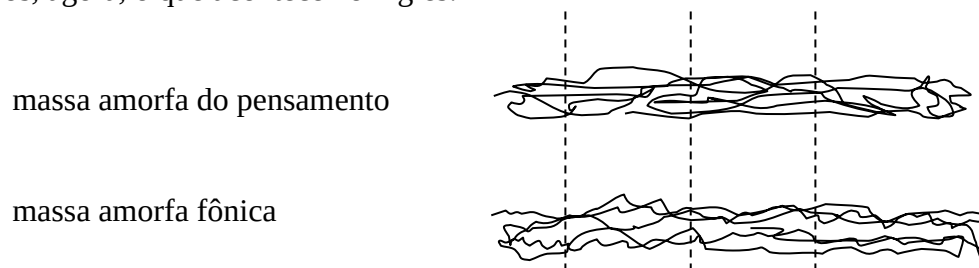
Vamos esclarecer essa idéia discutindo uma diferença entre o português e o inglês, apoiando-nos em um esquema sugerido pelo próprio Saussure (1969:131):



Na primeira linha do esquema, temos a massa amorfa do pensamento, e, na segunda, temos a massa amorfa fônica. O português faz um recorte nas duas massas amorfas e cria o signo *porco*, cujo significado é nosso conceito do animal [PORCO] e da carne que muitos de nós gostamos de comer, e cujo significante é /porku/, ou seja, a seqüência de fonemas do

português que é usada para produzirmos o signo *porco*. No sistema do português, esse signo se opõe a outros signos, como vaca, carneiro, galinha, etc.

Vejamos, agora, o que acontece no inglês:



Na mesma massa amorfa de pensamento, e na mesma massa amorfa fônica, o inglês faz dois recortes: um deles cria o signo *pig*, que é o animal que nós chamamos de *porco*; o outro cria o signo *pork*, que é a carne do animal *porco*, que muitos de nós gostamos de comer. Cada um desses signos tem seu próprio valor no sistema do inglês, e se definem pela oposição que podemos fazer entre eles. Assim, enquanto em português o signo “porco” se opõe a outros animais e suas carnes, em inglês, o signo *pig* se opõe a outros animais, mas também ao signo *pork*, que é a carne do porco.

É por isso que, para Saussure, a língua é um princípio de classificação: a língua é uma forma de interpretar, organizar e categorizar o mundo. De uma mesma realidade, o português cria uma única categoria *porco*, que engloba tanto o animal quanto sua carne, enquanto o inglês cria duas categorias: uma para o animal, outra para a carne. Essa diferença entre os recortes feitos pelo inglês e pelo português pode também ser vista em outras categorizações. O português tem um signo *carneiro*, que engloba tanto o animal quanto sua carne; o inglês tem, novamente, dois signos diferentes: *sheep* para o animal, e *mutton* para sua carne. O português tem um signo *vaca*, que abrange o conceito do animal e de sua carne, enquanto o inglês tem dois signos, *cow* e *beef*, para o animal e para a carne, respectivamente¹³.

Para Saussure, então, cada língua “cria” um mundo, diferente do mundo físico real. É com esse mundo criado pela língua que nós operamos.

Vocês poderiam, agora, fazer o seguinte comentário: “Bem, essas idéias são bastante difíceis de entender. Entretanto, quando falamos dos recortes feitos na massa amorfa do pensamento, que criam conceitos que diferem de língua para língua, tudo bem. Mas o que acontece na massa amorfa fônica ou gestual? Como é que as línguas fazem recortes nessa massa fônica ou gestual?”.

Vejam que, de todos os sons ou gestos que os seres humanos são capazes de produzir, cada língua escolhe um subconjunto deles, como aqueles sons ou gestos que têm valor dentro do sistema. Comparando, novamente, o inglês e o português, o inglês usa muitos sons que nós não usamos em português. Entre eles, estão os sons [T], [Δ], que, na escrita, são representados com a sequência *th-*. Esses sons são produzidos com a língua entre os dentes, em palavras como *thing* (coisa) e *the* (o, a). O primeiro deles se produz sem a vibração das cordas vocais, e o segundo se produz com a vibração das cordas vocais. Esses sons, em

inglês, têm valor: eles distinguem significado. Assim, por exemplo, a palavra *thin* (magro/a), produzida com a língua entre os dentes, é diferente da palavra *tin* (lata), produzida com a ponta da língua tocando os alvéolos (região que fica acima da parte posterior dos dentes incisivos). Também é diferente da palavra *sin*, que apesar de ser sibilante como *thin*, não tem a língua entre os dentes. No modelo de Saussure, podemos dizer que na formação que o inglês faz da massa amorfa fônica, um valor foi atribuído aos sons [T] e [Δ], de modo que eles fazem parte do sistema lingüístico do inglês.

Português faz um recorte diferente. No sistema do português, esses sons não têm valor. Fenômenos semelhantes devem acontecer nas línguas de sinais. De todas as configurações de mão possíveis, de todos os pontos de articulação possíveis, cada língua de sinais deve escolher um subconjunto de configurações e pontos, e dar valor aos membros desse subconjunto, deixando várias configurações e pontos de articulação de fora. Vocês vão estudar esse assunto mais profundamente quando estiverem cursando a disciplina Fonética/Fonologia.

Uma observação que é muito importante é a de que, para Saussure, ao fazer as delimitações nas massas amorfas do pensamento e do sons/gestos, a língua produz uma *forma*. Ou seja, de uma substância amorfa de pensamento e de uma substância amorfa fônica/gestual, a língua cria uma forma. Significante e significado são formas, não substâncias. A lingüística tem por objeto o estudo da forma do significante e da forma do significado, não da substância. Para Saussure, o estudo da substância do significado é objeto de estudo da psicologia, e o estudo da substância do significante é a fonética acústica e articulatória ¹⁴.

Bem, vamos passar para as duas últimas dicotomias saussurianas, que são mais *light*: sintagma e paradigma, e sincronia e diacronia.

Sintagma e paradigma

Essa é uma dicotomia razoavelmente fácil de ser entendida. Como já vimos, na língua, todos os elementos se definem pelas relações que estabelecem com outros elementos e com o próprio sistema lingüístico. Essas relações e as diferenças que se estabelecem entre os elementos que constituem o sistema podem ser separadas em dois grupos. Cada um desses grupos corresponde a uma forma de atividade mental, e ambos são fundamentais para a língua.

Antes de entrar propriamente no estudo desses grupos de relações, precisamos discutir uma característica que Saussure atribui às línguas naturais, que é de particular interesse para quem se dedica ao estudo das línguas de sinais. Trata-se da linearidade do significante ¹⁵.

Podemos, agora, voltar à questão da dicotomia sintagma *versus* paradigma. Nós podemos pensar em sintagma e paradigma como dois eixos: o primeiro corresponde a um eixo horizontal, o segundo a um eixo vertical. O eixo sintagmático, ou horizontal, é o eixo da linearidade. O exame dos elementos lingüísticos nesse eixo envolve o contraste que um elemento estabelece com outro elemento que está adjacente a ele na cadeia de elementos que ocupa a linha horizontal ¹⁶.

O eixo paradigmático ou eixo vertical é o eixo das relações associativas. Segundo Saussure, os signos que têm algo em comum se associam em nossa memória, formando grupos. Dentro desses grupos, as relações que se estabelecem podem ser de vários tipos¹⁷.

Quando tratamos de sintagma e paradigma, precisamos discutir uma outra noção que é bastante enfatizada na teoria saussuriana -- a da arbitrariedade do signo lingüístico -- que também é de grande interesse para os estudiosos das línguas de sinais. Quando Saussure trata do signo lingüístico, e da relação entre significante e significado, ele é incisivo ao afirmar que o significante de um signo, ou seja, sua imagem acústica ou gestual, é imotivado. Com isso, Saussure quer dizer que não existe nenhuma relação de semelhança entre essa imagem acústica ou gestual e o conceito associado a essa imagem. Para ele, o significante /mar/ do signo *mar* não tem nenhuma relação com o conceito ao qual está associado. Nada nesse som nos dá a idéia de mar. O fato de o som [O^hɐ̃] nos levar ao conceito que temos de [MAR] é resultado de uma convenção aceita pelos falantes do português¹⁸.

Neste momento, vocês que conhecem bem uma língua de sinais, devem estar querendo fazer uma séria objeção a essa idéia de Saussure: “Mas, e as línguas de sinais? Muitos sinais de todas as línguas de sinais do mundo são icônicos, ou seja, são representações da forma dos objetos ou indivíduos aos quais eles se referem! Como é que Saussure pode dar conta desse fato?”.

Bem, como já dito, Saussure não leva em consideração as línguas de sinais. Em sua época, não se sabia quase nada sobre essas línguas, e muitas pessoas pensavam que os surdos se comunicavam por meio de gestos assistemáticos¹⁹.

Neste momento, vocês devem estar se perguntando o que isso tem a ver com a dicotomia sintagma e paradigma.

Bem, o que Saussure diz é que a motivação parcial de um signo lingüístico se explica por dois princípios: pela análise de um signo em signos menores, o que evidencia uma relação sintagmática; e pela associação desses signos a outros signos, o que evidencia uma relação paradigmática. Vejam que, em um signo como *pereira*, não só a divisão sintagmática em dois morfemas - *pera-* e *-eira* - como o sentido dessas unidades é fácil de ser percebido, na medida em que elas participam de relações paradigmáticas bastante claras: *pêra* se associa a cereja, a maçã, a laranja, a banana; e *-eira* recebe seu valor a partir de sua associação com outros morfemas como *-al*, em *bananal*, *jaboticabal*, *laranjal*, etc.

Saussure chega mesmo a afirmar que não existe língua em que nada seja motivado. A seu ver, as línguas se colocam entre dois pólos - mínimo de arbitrariedade e máximo de arbitrariedade, algumas tendendo mais para um pólo, outras tendendo mais para outro. Mas é importante ressaltar que, quando Saussure fala de mínimo de arbitrariedade, ele está pensando nos casos como o de *pereira*, ou *dezenove*, discutidos acima. Ele não está, nem de longe, pensando na forte iconicidade que as línguas de sinais apresentam. Os estudos que têm sido feitos a respeito desse assunto pelos pesquisadores das línguas de sinais são da mais alta importância, na medida em que eles têm criado um forte impacto na ciência lingüística, até hoje muito influenciada pelo pensamento de Saussure.

O que é importante ressaltar é que, dentro da noção de arbitrariedade que Saussure desenvolve, está a noção de convencionalidade. Essa, sim, é uma característica forte de todas as línguas humanas. Os signos lingüísticos sempre são convencionais, mesmo quando são icônicos. Ser convencional²⁰ significa que eles não são previsíveis, ou seja, nós não podemos adivinhar, antecipadamente, como vai ser em uma língua, ou em outra, o signo que se refere a uma determinada entidade.

Vamos passar agora à última dicotomia saussuriana.

Sincronia e diacronia

Para Saussure, a lingüística é um tipo de ciência que deve se construir sobre dois eixos: o do estado e o das evoluções. O eixo do estado é o eixo sincrônico: nele, a língua é estudada como ela se apresenta em um determinado momento de sua história. Toda intervenção do tempo é excluída. O eixo das evoluções é o eixo diacrônico: nele, a língua é analisada como um produto de uma série de transformações que ocorrem ao longo do tempo.

Por exemplo, podemos estudar o português por qualquer um desses dois eixos. Se fazemos um estudo sincrônico, analisamos o português da maneira como ele é hoje. Em nosso estudo sincrônico, não nos interessa saber quais os estágios de evolução pelo qual essa língua passou, desde o latim até os nossos dias. Se, por outro lado, fazemos um estudo diacrônico, procuramos entender o que foi que aconteceu na língua, ao longo de sua história, para que ela tivesse as características que tem em uma determinada época.

Para esclarecer a questão, Saussure usa a metáfora de um jogo de xadrez²¹. Cada posição do jogo corresponde a um estado da língua. O valor das peças depende de sua posição no tabuleiro. Da mesma maneira, na língua, cada elemento tem seu valor pela oposição que estabelece em relação a outros elementos.

Saussure faz apenas uma ressalva a respeito da comparação entre a língua e o jogo de xadrez: no jogo, o jogador tem a intenção de mover uma peça e, assim, alterar o estado do jogo. Na língua, isso não acontece. As mudanças não são intencionais. Como nós já vimos, não é possível que um falante de uma língua decida impor uma mudança em sua língua, por sua vontade. A língua muda naturalmente. Em alguns poucos casos, existem algumas pressões externas que provocam uma mudança lingüística. Essas pressões podem ser consequência de contacto com outras línguas, ou podem ser devidas a algumas mudanças sociais. Mas, muitas vezes, as línguas mudam por razões internas à própria língua²².

Vocês devem ter uma centena de perguntas e observações a fazer. De fato, a comunidade surda no Brasil, de maneira geral, tem um grande interesse pela história da língua de sinais brasileira, e pelas transformações pelas quais ela tem passado, desde o momento em que a língua de sinais francesa, sua mãe, chegou ao Brasil. Apesar de muito se conversar a respeito desse assunto, ao que parece não existem pesquisas profundas sobre as mudanças que ocorreram na libras. Vocês podem ir pensando sobre esse assunto, para discutir a questão em mais detalhes na disciplina de Sociolingüística.

Resumo

Com isso, podemos encerrar esse nosso primeiro contacto com os ensinamentos de Saussure. Nós vimos como Saussure diferencia língua de linguagem. Vimos, também, que Saussure define a língua como um sistema de valores, em que o valor de cada unidade é computado pela diferença que essa unidade apresenta em relação a outras unidades do sistema, e em relação a todo o sistema. Vimos que o cálculo do valor dos elementos lingüísticos deve ser feito levando em conta dois eixos: o das relações sintagmáticas, ou combinatórias; e o das relações paradigmáticas, ou associativas. Nós também estudamos a diferença que existe entre esse sistema de valores (que é a língua) e a fala, que é a manifestação externa desse sistema de valores. Nós discutimos, ainda, a questão da constituição do signo lingüístico. Um signo lingüístico é a associação indissolúvel de um significante e de um significado, ambos obtidos, respectivamente, de uma formatação feita em uma massa amorfa fônica/gestual, e em uma massa amorfa de pensamento. Nós vimos como a constituição do signo pode ser motivada, mas é sempre convencional. Por fim, vimos que a língua pode ser estudada em sua dimensão estática, e em sua dimensão evolutiva ou histórica.

Podemos, agora, passar a estudar uma outra teoria lingüística, que tem uma visão de língua bastante diferente daquela proposta por Saussure: a teoria chomskyana.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- Faraco, Carlos Alberto (2004 [2005]). Estudos pré-saussurianos. In: F. Mussalim & A.C. Bentes (orgs.), **Introdução à lingüística**. Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez
- Fiorin, José Luiz (2002). As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática.
- Fiorin, José Luiz (2002). Teoria dos signos. In: J.L.Fiorin (org.), **Introdução à lingüística**. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto.
- Hjelmslev, Louis (1975). **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva.
- Ilari, Rodolfo ((2004 [2005])). O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: F.Mussalim & A.C. Bentes (orgs.), **Introdução à lingüística**. Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez.
- Klima, Edward, U. Bellugi et al. (1979). **The signs of language**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Pietroforte, Antonio Vicente (2002). A língua como objeto da lingüística. In: J.L.Fiorin (org.), **Introdução à lingüística**. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto.
- Robins, R.H. (1988 [1993]). History of linguistics. In: F.J.Newmeyer (ed.), **Linguistics: the Cambridge survey**, vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press.
- Saussure, Ferdinand de (1969). **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix.

- Faraco, Carlos Alberto (2004 [2005]). Estudos pré-saussurianos. In: F. Mussalim & A.C. Bentes (orgs.), **Introdução à lingüística**. Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez.
- Fiorin, José Luiz (2002). Teoria dos signos. In: J.L.Fiorin (org.), **Introdução à lingüística**. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto.
- Ilari, Rodolfo ((2004 [2005])). O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: F.Mussalim & A.C. Bentes (orgs.), **Introdução à lingüística**. Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez.
- Pietroforte, Antonio Vicente (2002). A língua como objeto da lingüística. In: J.L.Fiorin (org.), **Introdução à lingüística**. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto.
- Saussure, Ferdinand de (1969). **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, Capítulos III e IV da Introdução; Capítulos I, II e III da Primeira Parte; Capítulos III, IV e V da Segunda Parte.

¹: A história dos estudos lingüísticos

Na Índia, há mais ou menos 2500 anos atrás, Panini já tinha elaborado uma gramática bastante sofisticada do sânscrito, em seus aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Na Grécia antiga, muitos filósofos também se interessavam por vários aspectos da língua humana, entre eles, a relação entre língua e pensamento, a gramática, a retórica, e a poética. Vários fenômenos da gramática das línguas modernas são, até hoje, analisados com base nos ensinamentos de Aristóteles. Na Idade Média, um grande esforço foi feito por parte dos estudiosos da língua, no sentido de preservar o latim da influência das línguas dos povos bárbaros, que tinham invadido o Império Romano, e que tinham se estabelecido em toda a Europa. Isso significa que, nessa época, os estudos lingüísticos tinham uma orientação prescritivista. Vocês se lembram que, em outra aula, eu tinha dito que, como ciência, a lingüística não pode impor regras, nem deve tentar proteger as línguas das mudanças. Vejam como não adianta. Por mais que os estudiosos medievais tenham tentado preservar o latim, aos poucos ele foi deixando de ser usado, e outras línguas foram surgindo a partir dele, como o português, o espanhol, o italiano, o francês, o romeno.

Na Idade Moderna, com os descobrimentos da África e das Américas, e com o domínio da Europa sobre boa parte da Ásia, um novo interesse lingüístico surgiu. Os europeus estavam diante de línguas muito diferentes daquelas com as quais eles estavam acostumados. Os estudiosos das línguas não podiam mais ficar limitados aos estudos sobre o grego e o latim, e começaram a observar, ainda que perplexos, os fenômenos fonéticos e gramaticais de línguas como o chinês, como certas línguas indígenas da América, e certas línguas africanas. Aí tem início uma linha de estudos lingüísticos que atingiu seu apogeu no século XIX: os estudos histórico-comparativos. Em 1816, um estudioso da história das línguas chamado Franz Bopp publica um estudo comparativo da conjugação verbal do sânscrito, do grego, do latim, do persa e do germânico, que evidencia a enorme semelhança entre essas línguas. Surge, nesse momento, a idéia do parentesco entre línguas. A hipótese é a de que todas essas línguas têm uma origem comum. Por isso, elas constituem uma família de

línguas, que passaram a se chamar *línguas indo-européias*. Fica claro que essa família de línguas se diferencia de outras línguas com as quais os europeus vinham tendo contacto. Por sua vez, essas outras línguas também começam a ser agrupadas em grandes famílias.

²: A língua como produto social

A língua é um fenômeno que está além do domínio individual de cada um de nós. Ela não é minha, nem de cada um de vocês, nem de nenhuma outra pessoa considerada individualmente. Ela é produto de uma comunidade, ela é parte do domínio dessa comunidade. O português brasileiro é a língua de uma grande comunidade de pessoas ouvintes, nascidas no Brasil. A libras é a língua de uma grande comunidade de pessoas surdas nascidas no Brasil. Essas línguas não se limitam a uma ou outra pessoa. Elas nascem e se desenvolvem no âmbito de um grupo social, não no âmbito individual.

Uma consequência do fato de a língua ser social é ela ser também convencional: ela existe e se mantém por um acordo coletivo tácito entre os falantes. Isso significa que um falante de uma língua não pode fazer modificações nessa língua a seu bel prazer. Imaginem, por exemplo, um falante do português que não goste de chamar os dias da semana de segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo. Ele resolve, então, sozinho, chamar esses dias de, por exemplo, *lual*, *martal*, *mercural*, *toral*, *livral*, *saturnal* e *solal*. Daí ele liga para o médico para marcar uma consulta, e diz que prefere ser atendido no próximo *mercural*, porque em todos os *martais* e *torais* ele trabalha o dia inteiro. Vocês acham que a recepcionista do consultório vai entender? Certamente que não. A comunicação humana seria impossível se a língua não fosse convencional.

³: Dicotomias

Os estudos lingüísticos modernos que analisam a obra de Saussure usam o termo “dicotomia” para denominar quatro pares de conceitos centrais na teoria saussuriana. Se vocês olharem em um dicionário, como o Aurélio, por exemplo, vocês vão ver que existe um sentido para o termo “dicotomia”, usado na lógica, que é o de “divisão lógica de um conceito em dois outros conceitos, em geral contrários, que lhe esgotam a extensão”. É exatamente essa a idéia que devemos fazer quando falamos das dicotomias saussurianas. Os conceitos dicotômicos se opõem, um só pode ser entendido em relação ao outro, e, juntos, formam um conceito maior, que é central para o entendimento do que é a língua humana.

⁴: Um exemplo de Saussure

Para ilustrar a diferença entre língua e fala, Saussure usa o exemplo do latim. Ninguém mais usa o latim. Não há mais “falas” do latim. Mas a língua continua a existir.

5: A interferência de fatos da fala sobre a língua

Para Saussure, o objeto da lingüística é a língua. Mas ele não deixa de considerar a possibilidade de fatos da fala interferirem na língua, a ponto de causar algumas mudanças no sistema. Um exemplo clássico do português é o do aparecimento, nessa língua, dos fonemas /x/ e /ʃ/, que correspondem às grafias -lh e -nh, respectivamente. Esses fonemas não existiam em latim. Sua origem é fruto da palatalização das consoantes /l/ e /n/ diante de /i/, que deu, como resultado, a pronúncia [fixu] para o latim *filiu*, e a pronúncia [vi/a] para o latim *vinia*. Enquanto essas mudanças se mantinham no nível fonético, ou seja, da pronúncia, elas estavam no domínio da fala. Entretanto, com o passar dos anos, no português elas chegaram a alterar o sistema, passando a adquirir um caráter distintivo. Isso significa que, hoje em dia, /x/ e /ʃ/ podem diferenciar significados, como em *galo* versus *galho*. O mesmo acontece com /ʃ/ e /n/, como em *pena* e *penha*. Essa distinção, agora, é parte da língua.

6: A noção de língua para Saussure

Bem, chegou finalmente o momento de apresentar a idéia de Saussure sobre o que é a língua humana. É importante lembrar algo que já vimos em aulas passadas: cada teoria lingüística define língua de uma maneira diferente. Apesar de sua grande importância, a noção de língua de Saussure é uma entre várias noções de língua com as quais a lingüística moderna opera.

Para Saussure, a língua é um sistema. Um sistema é um conjunto organizado de elementos, que se define pelas características desses elementos, e no qual cada elemento se define pelas diferenças que apresenta em relação a outro elemento, e por sua relação com todo o conjunto.

7: Para entender melhor a noção de sistema

Vamos pensar em uma escola, por exemplo. O que é uma escola? É um conjunto de elementos, que são os estudantes. E o que são os estudantes? São os elementos de uma escola. Aí temos parte de nossa definição de sistema: o conjunto (escola) definido por sua relação com as partes (estudantes), e as partes (estudantes) definidas por sua relação com o todo (escola). Mas podemos ir além. Cada grupo de estudante pode ser definido por oposição a um outro grupo de estudante: os da 1ª série são definidos por oposição aos da 2ª série; os do período da manhã são definidos por oposição aos do período da tarde; e assim por diante.

Uma outra metáfora usada pelo próprio Saussure para esclarecer essa questão é a de uma rede de pescar. A rede é formada de nós, e cada nó se relaciona com todos os outros nós que formam a rede. A rede, que é o conjunto, é definida como um sistema de nós; os nós, que são as partes, são definidos por sua relação com o todo, porque formam a rede, e por

sua relação com todos os outros nós. Assim é a língua, para Saussure. Na língua, só existem diferenças.

⁸: A noção de diferença

Vocês devem estar querendo perguntar: “O que significa dizer que na língua só existem diferenças?”.

Significa o que nós acabamos de ver: que cada elemento da língua se define pela diferença que apresenta quando comparado a outro elemento. Vamos dar um exemplo do português para esclarecer essa noção. Pensem na palavra /pata/. Como é que eu posso definir o fonema /p/ que aparece no início da palavra? Eu posso dizer que ele não é /b/. Vejam que, se eu substituir /p/ por /b/ eu obtenho outra palavra: /bata/. Eu também posso dizer que /p/ não é /m/. De novo, se eu substituir /p/, em /pata/, por /m/, eu obtenho ainda uma outra palavra do português: /mata/. Eu posso ir além, e dizer que /p/ não é /l/. Se eu substituir /p/ por /l/ eu obtenho /lata/.

Tomemos ainda outro exemplo. Vamos pensar em um verbo como *cantar*. Esse verbo é composto de dois morfemas, *cant-* e *-ar*. Como é que eu posso definir o morfema *cant-*? Por sua oposição com *bord-*, que forma o verbo *bordar*. Ou por sua oposição com *danç-*, que forma o verbo *dançar*. E como é que eu posso definir o morfema *-ar*, do verbo *cantar*? Por sua oposição com o morfema *-er*, que forma o verbo *beber*. Ou ainda por sua oposição com o morfema *-ir*, que forma o verbo *partir*.

⁹: A noção de valor

Para Saussure, o conjunto de diferenças que existe na língua está relacionado com a noção de *valor*. Em todos os exemplos acima, cada elemento analisado tem seu valor lingüístico estabelecido por sua relação com os demais elementos da língua que sejam da mesma natureza. Assim, /p/ tem seu valor lingüístico estabelecido por sua diferença em relação a /b/, a /m/, a /l/. O morfema *cant-* tem seu valor lingüístico estabelecido pela oposição que faz a *danç-*, a *bord-*. E o morfema *-ar* tem seu valor estabelecido por sua diferença em relação a *-er* e *-ir*.

Vamos ver alguns exemplos da libras. Pensem em um par de sinais como SÁBADO e APRENDER. Do ponto de vista da fonologia das línguas de sinais, eu posso definir SÁBADO por oposição a APRENDER, pelo ponto de articulação dos dois sinais: SÁBADO é realizado diante da boca do sinalizador, e APRENDER é sinalizado diante da testa do sinalizador. Pensem agora em sinais como SEMANA, DUAS-SEMANA, TRÊS-SEMANA, QUATRO-SEMANA. Como é que podemos definir esses sinais? Do ponto de vista morfológico, esses sinais são compostos de dois morfemas: o número, que é representado pela configuração de mão, e o sinal SEMANA, que é representado pelo movimento retilíneo diagonal, realizado no espaço de sinalização, na altura do tronco do sinalizador. Na realização desses sinais, o morfema correspondente a SEMANA se mantém

igual, mas as configurações de mão vão mudando, para expressar os morfemas que significam os diferentes números. Cada um desses morfemas se define pela oposição que faz em relação aos outros morfemas da mesma natureza.

¹⁰: Exemplos de signos lingüísticos

Por exemplo, *mesa* é um signo do português. Quando eu uso esse signo, todos os falantes de português sabem a que eu quero me referir. Uma palavra como *arvoredo*, por exemplo, também é um signo do português. Mas ela é composta de dois outros signos menores que também têm significação: *arvor-* (árvore) e *-edo*, que significa conjunto de alguma coisa. Sentenças também são signos. Se eu digo *O João comprou batatas*, essa sentença também é um signo do português, porque ela significa alguma coisa. Textos também são grandes signos, na medida em que também têm uma significação própria. Assim, por exemplo, o romance de Machado de Assis, intitulado *Quincas Borba*, é um signo; do mesmo modo, o poema épico de Camões, intitulado *Os Lusíadas*, é um signo.

¹¹: A metáfora da folha de papel: a simultaneidade da formação das massas amorfas

É importante entender que a formação das massas amorfas do pensamento e dos sons/gestos acontece ao mesmo tempo. Para ilustrar esse fato, Saussure usa a metáfora da folha de papel: o pensamento é a frente da folha, e o som/gesto é o verso. Você não pode cortar um, sem cortar necessariamente o outro. Portanto, não se trata de termos uma idéia já pré-concebida e procurarmos um som/gesto para representá-la. Nem se trata de termos uma cadeia sonora ou gestual à nossa disposição e usarmos essa cadeia para uma idéia. A língua cria significante e significado ao mesmo tempo.

¹²: De volta à noção de valor

Vocês poderiam perguntar: “Essa noção de valor é a mesma já discutida a respeito da idéia da língua como um sistema?”.

Sim, exatamente. Como já foi visto, a noção de valor é muito importante na teoria saussuriana. Um signo se define pelas diferenças que ele tem quando comparado a outros signos. Cada signo tem um valor, e é esse valor que permite contrastá-lo com outros signos, e defini-lo.

¹³: Semelhanças e diferenças entre as línguas

Mas, vocês poderiam perguntar: “Então, será que o inglês e o português sempre criam signos diferentes para tudo, e categorizam o mundo de maneira sempre tão diferente?”.

Não. Por exemplo, inglês e português parecem ter as mesmas categorias de cores básicas, correspondentes aos signos preto, branco, vermelho, amarelo, azul, verde, marrom, roxo,

rosa, laranja e cinza. Outros povos fazem recortes diferentes no espectro das cores. Alguns, por exemplo, têm um único signo para expressar o que nós chamaríamos ou de azul, ou de verde. Outros povos, ainda, têm apenas dois signos para todas as cores: um deles compreende o que para nós seria o preto, o azul, o verde e o cinza; o outro compreende o que para nós seria o branco, o amarelo, o laranja e o vermelho.

Os povos diferem muito, também, no que diz respeito ao recorte que fazem nas relações de parentesco. Em português, por exemplo, nós temos dois signos *irmão* e *irmã* para designar filhos do nosso pai e/ou da nossa mãe, sejam eles mais novos ou mais velhos que nós. Em húngaro, há quatro signos distintos: *bátya* para irmão mais velho, e *öccs* para irmão mais novo; *nenê* para irmã mais velha, e *húg* para irmã mais nova.

¹⁴: A substância lingüística

Neste momento, vocês poderiam fazer a seguinte objeção: “Mas você disse que existe uma área da lingüística que faz interface com a psicologia, e se interessa por questões relativas à cognição! O mesmo acontece com a fonética. Nós até vamos ter uma disciplina que se chama Fonética/Fonologia!”.

Sim, vocês têm razão de estranhar o que eu acabei de dizer a respeito da visão de Saussure sobre o objeto da lingüística. Mas não se esqueçam de que Saussure estava tentando lançar as bases de uma ciência. Por isso, ele precisava ser radical no estabelecimento dos limites do objeto dessa ciência. Hoje em dia, muitos lingüistas que fazem pesquisa sobre semântica não deixam de se interessar sobre questões centrais da psicologia, exatamente porque as línguas têm uma relação direta com essas questões: afinal, a língua é uma formatação da massa amorfa do pensamento, que é um dos objetos de estudo da psicologia. O mesmo acontece com lingüistas que estudam fonologia. Eles não podem deixar de estudar fonética, porque é essa disciplina que analisa a massa fônica/gestual que é formatada pelas línguas!

¹⁵: Linearidade e simultaneidade

Para Saussure, que limitou suas observações às línguas orais, o significante das línguas, por ser de natureza acústica, só poderia se desenvolver em uma seqüência linear. Ou seja, seus elementos se apresentariam um após o outro, em uma linha no tempo. Em outras palavras, para Saussure, na língua não existe simultaneidade. Ele chega a dizer que, no caso do acento que se sobrepõe a uma sílaba, diferenciando as sílabas tônicas das sílabas átonas dentro de uma mesma palavra, não há simultaneidade de elementos significativos diferentes.

Hoje em dia, alguns lingüistas ainda se prendem bastante a essa noção de Saussure. Para esses lingüistas, essa é uma grande diferença que existe entre a língua e outras manifestações da faculdade da linguagem, como a pintura, em que os significantes não se apresentam de forma linear, mas se sobrepõem uns aos outros. Entretanto, um grande número de lingüistas tem questionado essa visão. Primeiro, porque ela não se aplica tão

categoricamente às línguas de sinais; segundo, porque ela deixa de lado muitos fenômenos das línguas orais, que ocorrem simultaneamente à cadeia linear de significantes. Em algumas línguas orais, como o português, por exemplo, o acento da palavra pode distinguir significado. É o que acontece com os signos *sábia*, *sabia*, *sabiá*. Vejam, o acento é algo que ocorre simultaneamente à pronúncia de sons vocálicos dessas palavras. A entonação também é distintiva de significado, e, sem dúvida, ela ocorre simultaneamente a uma sequência de significantes. Por exemplo, é com um tipo particular de entonação sobreposta à sentença *Você foi ao cinema ontem*, que nós distinguimos essa afirmação, da interrogação *Você foi ao cinema ontem?*.

Nas línguas de sinais, a simultaneidade é um fato bastante comum: é possível se realizar um signo com uma mão, e outro com a outra, ao mesmo tempo. Além disso, enquanto as mãos estão realizando sinais lexicais, a posição do tronco e da cabeça, a direção do olhar, as expressões faciais estão fornecendo informações discursivas e gramaticais.

Mesmo assim, é inegável que, mesmo nas línguas de sinais, há linearidade em todos os níveis de análise: do fonológico ao discursivo. Na morfologia das libras, por exemplo, um sinal como MELÃO, que é um sinal composto, é feito da seguinte maneira: a primeira parte do sinal é feita com as mãos abertas na vertical, palma a palma, dedos separados e curvados, tocando-se pelas pontas, com as bochechas infladas. A segunda parte do sinal é feita com a mão dominante, palma para o lado oposto, os dedos dobrados, as pontas dos dedos tocando a ponta do polegar, o dedo indicador estendido; a lateral do indicador toca a testa e desce até o nariz. O sinal precisa ser realizado nessa ordem linear. Não é possível invertê-la. Certamente, quando vocês estudarem a fonologia, a morfologia e a sintaxe da libras, vocês vão ver que, apesar das propriedades de simultaneidade que ela exhibe, existe muita linearidade em todas as línguas de sinais.

¹⁶: Exemplo de relação sintagmática

Assim, por exemplo, em português, uma palavra como *inconstitucional* é formada de quatro signos, ou morfemas: *in-*, *constitu-*, *-cion-*, e *-al*. Cada um desses signos adquire um valor porque se opõe ao signo que o precede, ou que o sucede, ou aos dois. O mesmo acontece com certas expressões como *forçar a barra* (que significa *insistir*), ou *não dar bola* (que significa *não dar importância*), entre outras. Cada termo dessas expressões complexas ganha valor pela oposição que faz aos termos precedentes ou seguintes e a toda a expressão. O mesmo acontece no nível fonológico. Por exemplo, em uma palavra do português como *bota*, o fonema /b/ tem seu valor estabelecido pela relação que estabelece com o fonema /o/, que, por sua vez, tem seu valor estabelecido pelas relações que estabelece tanto com o fonema /b/, quanto com o fonema /t/, e assim por diante.

No nível sintagmático, existe uma determinada ordem de sucessão dos elementos. Por exemplo, os signos que formam a palavra *inconstitucional* não podem aparecer em outra ordem, que não essa. Da mesma maneira, em uma expressão como *forçar a barra*, não é possível alterar a ordem dos constituintes: não podemos dizer algo como *barra forçar a*, ou *a forçar barra*, ou *forçar barra a*. Aliás, isso acontece não só com expressões idiomáticas

como essa. Por exemplo, em português, um artigo sempre vem antes do substantivo, como em *o menino*, *um cachorro*. Na fonologia, também há algumas ordens limitadas. Por exemplo, depois do fonema /b/, podemos ter uma vogal (como em *bata*, *bebe*, *bicho*, *boca*, *burro*), e podemos ter as consoantes /r/ e /l/ (como em *brasa*, *blusa*), mas não podemos ter outras consoantes como /p/, /t/, /s/, etc.

¹⁷: Exemplo de relação paradigmática

Tomemos uma palavra do português como *demonstração*. Essa palavra se associa a muitas outras no que diz respeito à semelhança de significados, formando, assim um paradigma com outras palavras como *exibição*, *amostragem*, *exposição*, etc. Ela também se associa a outras palavras pela semelhança do radical, formando um paradigma com palavras como *demonstrar*, *demonstração*, *demonstrável*, etc. Ela pode ainda se associar a outras palavras pela semelhança do sufixo, formando um outro paradigma com palavras como *constituição*, *educação*, *construção*, etc. Por fim, ela pode formar um paradigma com palavras como *monstro*, *ração*, *tração*, etc., pela semelhança dos significantes.

¹⁸: Onomatopéias

Algumas pessoas se opuseram a Saussure, afirmando que as onomatopéias são motivadas. Assim, por exemplo, ao falarmos do *tic-tac* de um relógio, estaríamos capturando a semelhança que existe entre o signo *tic-tac* e o barulho feito pelo relógio. A defesa de Saussure a essa crítica se fundamenta em dois argumentos: primeiro, que as onomatopéias são raras nas línguas; segundo, que sua escolha já é arbitrária, na medida em que elas apenas se aproximam dos sons que ouvimos. Além disso, a arbitrariedade desses signos também se revelaria no fato de que as onomatopéias se conformam a todo o sistema fonético-fonológico da língua. Isso significa que, por mais que tentemos criar signos por imitação aos sons e ruídos que ouvimos, vamos fazer essas imitações valendo-nos do sistema do português, e não realizando sons que não são próprios de dessa língua.

¹⁹: A motivação do signo lingüístico

O que se pode dizer hoje em dia é que não só nas línguas de sinais, mas também nas línguas orais, muitos signos são motivados: seus significantes procuram imitar ou o som que um objeto faz (no caso das línguas orais), ou a forma que um objeto tem (no caso das línguas de sinais). Mais do que isso, em algumas línguas, algumas entidades são consideradas membros de uma mesma classe por causa de algumas semelhanças que existem entre elas. Assim, em japonês, o morfema *hon* é usado junto a nomes que designam objetos longos e finos, como *lápiz*, *velas*, *árvores*. Mas o uso desse morfema também é aplicado a outros nomes, que não se referem a objetos longos e finos, mas que designam certas atividades que podem ser assemelhadas a objetos longos e finos, como ligações telefônicas, que envolvem fios, e que atravessam longas distâncias, ou como tacadas de baseball, que fazem com que a bola descreva uma trajetória longa, etc.

Mesmo Saussure já fazia uma diferença entre arbitrariedade absoluta e arbitrariedade relativa do signo lingüístico. Para ele, um signo como *vinte* é totalmente arbitrário ou imotivado. Mas um signo como *dezenove* é apenas parcialmente arbitrário, porque ele faz lembrar os signos que entram em sua composição, ou seja, *dez* e *nove*. O mesmo acontece com o signo *pereira*, que lembra o signo *pêra*, e cujo sufixo remete a outras árvores como *cerejeira*, *macieira*, *jaqueira*, etc. Se compararmos esses nomes de árvores a outros como *eucalipto*, ou *carvalho*, vemos que os primeiros são mais motivados do que os últimos.

²⁰: Convencionalidade

Vocês podem objetar: “Como é que algo pode ser icônico e convencional ao mesmo tempo?”.

Novamente, as línguas de sinais trazem muitos exemplos dessa possibilidade de combinação. O sinal equivalente a ÁRVORE, na língua de sinais brasileira, é bastante icônico: o braço levantado faz pensar no tronco de uma árvore, e a mão espalmada e executando um movimento de giro faz pensar na copa da árvore, com as folhas balançando ao vento. Na língua de sinais chinesa, o sinal de ÁRVORE também é bastante icônico: com o polegar e o indicador abertos e relaxados, e os demais dedos fechados, as mãos voltadas uma para a outra sobem da altura do abdômen até a altura do peito do sinalizador. Isso faz lembrar o tronco de uma árvore.

Mas, vejam que interessante! Cada língua de sinais tem um signo icônico diferente! Isso mostra como a língua é convencional. Cada povo, cada língua, representa iconicamente uma parte do objeto. Não precisa ser necessariamente a mesma parte. Nem há maneiras de se prever qual parte vai ser. Por isso é que podemos dizer que, apesar de as línguas apresentarem graus maiores ou menores de motivação, elas são sempre convencionais.

Vejam como essa idéia de convencionalidade combina com o que Saussure ensina sobre a constituição do significante e do significado lingüísticos. Como nós já vimos, cada língua faz recortes na massa amorfa do pensamento e na massa amorfa fônica de uma maneira própria, que pode ser bastante diferente da maneira de uma outra língua. Isso também envolve a noção de convencionalidade. Vocês se lembram do exemplo da diferença entre inglês e português de que nós falamos? Em português, temos um só signo para fazer referência ao animal *porco* e a sua carne; em inglês, existem dois signos: um para fazer referência ao animal, outro para fazer referência à carne. Como é que essa diferença poderia ser prevista, em termos estritamente lingüísticos? Não há meios. Esses recortes são puramente convencionais.

²¹: A metáfora do jogo de xadrez

Cada estado desses, quer do jogo de xadrez, quer do sistema lingüístico, é sempre momentâneo. Para passar de um momento a outro, ou de um estado a outro, uma peça é deslocada. Não é necessário que se mude mais que uma peça. Entretanto, essa mudança tem efeitos em todo o jogo. Não há como prever com exatidão quais são esses efeitos, mas o deslocamento de uma peça acaba por ter conseqüências sobre as peças que não foram movidas.

Saussure enfatiza que, tanto no xadrez, quanto na língua, é preciso diferenciar claramente os deslocamentos, de um lado, dos estados de equilíbrio que os antecedem ou que os sucedem, de outro. Quando o jogador está pensando sobre o jogo, ele analisa sucessivamente os diversos estados pelos quais o jogo passa. Ele não fica se preocupando em lembrar como a configuração do tabuleiro chegou ao estado a que chegou. O mesmo acontece com a língua. O falante de uma língua conhece essa língua da maneira como ela se apresenta durante seu tempo de vida. Ele não se preocupa com sua evolução ao longo dos séculos.

²²: Exemplo de mudança lingüística

Nós já vimos um exemplo de mudança do português que parece não ter sido causada por nenhum fator externo. Vocês se lembram? Trata-se do aparecimento dos fonemas /x/ (-lh-) e /ʎ/ (-nh). Como já vimos, esses fonemas não existiam em latim. A primeira mudança que favoreceu seu aparecimento no português foi a palatalização dos fonemas /l/ e /n/ diante do fonema /i/, como em /filiu/-/fixu/, /vinia/-/via/. A seguir, esse som palatal passou a distinguir significados, permitindo pares de signos como /kaxa/-/kala/, /sea/sena/. Aparentemente, nenhuma dessas mudanças foi causada por qualquer fator externo. Elas parecem ter sido mudanças espontâneas e fortuitas.